

## A pesquisa como processo de criação

Celina Nunes de Alcântara

Universidade Estadual do Rio Grande do sul – UERGS

mestre

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

– UFRGS

atriz

**Resumo:** Pensar o ato de pesquisar na perspectiva da criação ou, dito de outra forma, como um ato de criação, é a proposta da reflexão empreendida. Assim, a criação estaria relacionada diretamente ao modo como nos formamos e transformamos em nossas práticas de pesquisa, ou, ainda, a um exercício de conhecimento – esse entendido como aquilo que transforma, altera e compromete o próprio ser do sujeito – que redundando numa ascese. Essa reflexão é, ao mesmo tempo, a tentativa de levantar questões acerca da criação como procedimento e, como consequência, também sobre o processo de pesquisa. Procedimento esse que visa à adoção de uma conduta criadora para o processo, e, por consequência, constituída também pela auto-criação, que pode emanar dessa experiência. Pauta-se essa reflexão nas ideias de invenção de si, de uma relação ética e estética com a própria existência e de constituição de subjetividade, a partir da forma como foram elaboradas, sobretudo, em Foucault, Nietzsche e Virginia Kastrup.

**Palavras-chave:** criação; práticas de pesquisa; subjetividade

No universo da pesquisa acadêmica, os temas, as ideias, os conceitos parecem esvaziar-se com a mesma rapidez com que emergem, tornando-se *jargões* pela força do uso desenfreado. Praticar-se a morte dos autores da maneira menos nobre possível, citando-os, muitas vezes, de forma repetitiva e alusiva, tecendo relações com ideias, procedimentos, hipóteses de pesquisa que, muitas vezes, em nada se assemelham ou se relacionam com aquilo que provocou o pensamento desses autores ou talvez, algo mais grave, como *comprovações* de nossas hipóteses e teses. Ora, não se trata de negar a importância e a necessidade das relações que tecemos a partir das ideias de autores que subsidiam nosso pensamento num processo de pesquisa, mas antes, de perceber que é possível uma conduta diferente tanto em relação ao processo de pesquisa como no modo de se relacionar com os autores. Trata-se de compreender muito mais o modo como o autor constitui seu pensamento, ou seja, buscar revelar seus procedimentos de criação, em vez de fazer uso de seus conceitos de forma estanque, servindo-nos de argumentos para justificar e avaliar nossas reflexões.

Penso que o ato de pesquisar pode ser tomado como ato de criação naquilo que a criação teria de movimento, de inesperado, de invenção, de fecundo. Imagino que a criação possa ser tomada como procedimento e, como consequência, num processo de pesquisa. Procedimento no sentido da adoção de uma conduta criadora que conduza o processo, e, consequência, constituída pela autocriação que pode emanar dessa experiência. A conduta criadora, conceito formulado por René Passeron (1997), é o que conduz a atividade criadora, que por sua vez implica: i) a elaboração de um objeto único (ainda que multiplicável); ii) dar existência a um pseudo-sujeito (relações dialógicas na elaboração da obra) e produzir uma prática em que a obra compromete seu autor, promovendo a dupla implicação entre sujeito e objeto ou dito de outra forma entre obra e criador.

Para Passeron (1997), criação é conduta apresentadora que instaura a obra como presença para o outro. Ocorre, porém, que conduzir um processo de pesquisa sob a égide da criação suscita muitas questões, a partir das quais, talvez, seja possível implementar uma reflexão.

Como pensar e praticar a criação no processo de pesquisa, considerando que criar não é constatar evidências e que a aposta da criação não está numa racionalidade instrumental que controla o processo, mas, ao mesmo tempo, considerando que evidências e racionalidade instrumental são, em alguma medida, constituintes do ato de pesquisar?

Ou ainda – retomando as primeiras questões – como não deixar simplesmente envolver pela teoria(s), mas utilizá-la(s) como estímulo para ao mesmo tempo movimentar e consolidar o próprio pensamento?

Por outro lado, sabe-se, da própria prática artística, que a criação não é um processo espontâneo, que acontece por si, mas tampouco é um processo voluntário no qual se tem controle de tudo o que acontece, então, como praticá-la num processo de pesquisa?

Na esteira dessas questões, uma ideia me encanta e intriga ao mesmo tempo: pensar a criação como processo de autocriação. Refletir sobre o modo como nos tornamos aquilo que somos, o que implica pensar criação como formulação de si, como formação.

Desfraldo essa reflexão abordando a seguir um possível caminho para pensar o modo pelo qual o sujeito faz uma constituição de si por intermédio do conhecimento como criação/invenção. Isso porque outra questão inerente ao processo de pesquisa é, justamente,

a formulação de conhecimento que se dá na relação primeira entre uma prática que se interroga e uma formulação teórica que movimenta a reflexão.

Assim, principio abordando o conceito de invenção de si, ou criação de si proposto por Virginia Kastrup (1999), o qual, aliado ao conceito de conduta criadora de René Passeron (1997), vão subsidiar essa proposição reflexiva.

Para Kastrup (1999), o conhecimento como invenção diz respeito a reinventar a forma de conhecer, pois requer uma atenção a si durante o processo de criação que, por sua vez, pode redundar em constituição de subjetividade. Dito de outra forma, trata-se de pensar a subjetividade como um processo e como efeito de uma determinada produção. A autora, amparada nas idéias de Deleuze, afirma que a subjetividade é um agenciamento de forças, de vetores, que se dá por um engendramento recíproco entre sujeito e objeto no qual um não explica o outro, mas se produz a partir do mesmo campo; ou ainda, o sujeito como efeito da cognição e a cognição como uma prática. A prática, conforme a autora, é o que engendra tudo, e, no caso do fazer artístico ela não se separa da apreciação. Há sempre um componente de fazer em toda a apreciação e vice-versa. Nesse sentido, a prática é permeada de experiências. O fazer não é, necessariamente, um trabalho automático, mecânico, pode ser pleno de pensamento, ao mesmo tempo, pensar também é uma prática. Dito de outra forma, nem toda prática é automatismo, nem toda reflexão avança.

Importante salientar que, para Kastrup, a experiência artística tem a ver com a experiência estética no sentido daquilo que essa problematiza, provoca de espanto, surpresa, que resiste, e que não está, necessariamente, atrelada a uma experiência com a obra de arte, mas que encontra nessa última uma possibilidade fértil desde que a experiência com a obra de arte não esteja relacionada a um sentido prévio, natural, a uma reconhecimento.

A subjetividade, abordada dessa forma, é sempre atenta, processual, porque portadora de processualidade, o que significa dizer que a processualidade não está no tempo, mas na própria constituição da subjetividade. Kastrup utiliza o rizoma deleuziano para explicitar sua abordagem de constituição de subjetividade da seguinte forma: a subjetividade seria composta por uma parte estratificada e uma parte processual - na qual os processos de transformação acontecem. Para a autora, essa abordagem evita pensar a ideia de arte como projeção de um eu, de um sujeito. Assim, se tiramos de cena a figura de um

sujeito, surge a figura de um campo de força, de vetores, no qual a subjetividade vai emergir. Por outro lado, mas não em oposição ao que foi firmado até então, falar de produção de subjetividade sempre implica considerar a coletividade. Toda a subjetividade é coletiva, um coletivo formado por múltiplos vetores.

Nesse sentido, num trabalho de pesquisa pautado pela criação, o pesquisador será um resultado do seu trabalho, não um fundamento do mesmo. Há uma processualidade que habita o ser.

Esse modo de pensar a relação com a criação como invenção de si implica uma mudança de relação consigo e com o mundo e, encontra-se, bifurca-se com a discussão proporcionada por algumas questões formuladas por Michel Foucault, sobretudo naquilo em que ele possibilita pensar a constituição de si como efeito de uma prática. Prática que pode engendrar uma ascese - um modo de formular-se de uma determinada maneira - que, por sua vez, abarca também um coletivo.

Foucault faz uso de uma metáfora para explicitar um modo ético e estético de construir a própria existência referindo-se à ideia de fazer de si mesmo uma obra de arte. Assim, o convite é para a constituição de um modo ascético de condução da existência, uma invenção de si que se aproximaria da criação de uma obra de arte. Para Foucault, a prática ascética é: “[...] um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser” (2006, p. 265). Esse tipo de exercício não é o de uma preparação momentânea para a vida, mas, antes, um modo de reger a própria vida.

Desse modo, trabalhar o ato de pesquisa na perspectiva da criação estaria relacionado diretamente ao modo como nos formamos e transformamos em nossas práticas, ou ainda, a um exercício de conhecimento, pautado – tal como a criação de uma obra de arte – pela dupla implicação entre sujeito e objeto. A aposta está numa relação na qual a operação (processo de fazer) inventa, também, o modo de operar (o como se faz).

Assim, na minha prática, pensar a pesquisa teórica significa refletir sobre uma relação de indissociabilidade entre prática e pensamento, entre criação de uma obra e formulações teóricas. Enfim, tenho tentado pensar/experimentar a pesquisa, não sobre o processo de criação, mas como criação, sobretudo, do sujeito que a processa.

## Referências

FOUCAULT, Michel. Estratégia, poder-saber. *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade e política. *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KASTRUP, Virginia. *A invenção de si e do mundo*. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição, São Paulo: Papyrus Editora, 1999.

PASSERON, René. Da estética à poética, *Porto Arte*, Revista do Mestrado em Artes Visuais. UFRGS. Porto Alegre, v.8, n.15, p. 103-116, nov. 1997.